



LUIS ANTONIO

Os senadores prestaram juramento à Constituição Federal para o início da nova legislatura

Senadores do PDS ocupam cadeiras oposicionistas

A sessão de posse dos 25 novos senadores foi marcada por um discurso do senador Passos Porto, assinalando o início da legislatura, e um coquetel ao fim dos trabalhos. Bem menos emotiva que a cerimônia na Câmara, no Senado a expressão política mais visível ficou por conta da distribuição das cadeiras no plenário: onde os senadores do PDS, em ampla maioria, invadiram o lado onde ficam as cadeiras dos senadores oposicionistas.

O lado direito do plenário normalmente é ocupado pelos senadores governistas e o esquerdo pelos oposicionistas. Mas quando ontem foi se procurar o ex-ministro Roberto Campos, agora senador pelo PDS do Mato Grosso, constatou-se que ele estava em meio aos oposicionistas. Lá estavam também o senador José Sarney, presidente do PDS, e o novato Claudinor Roriz, do PDS de Rondônia. Mais algumas observações e descobriu-se que as poltronas do lado direito não eram suficientes para abrigar os 46 senadores pedessistas, enquanto sobravam poltronas do lado esquerdo para os 23 oposicionistas.

De qualquer forma as minifestações bem comportadas de uma galeria inusitadamente repleta (isto no

Senado, não acontece há muito tempo), distribuindo palmas protocolares ao juramento de todos os senadores, acabaram dando respaldo às palavras de Passos Porto, no sentido que na Casa maior do Legislativo "fique na consciência de cada um e de todos nós, o compromisso inarredável da instituição com o entendimento".

Mostrando que a ligação emocional com o Senado é dos compromissos mais sérios, estiveram na sessão de juramento os senadores e governadores eleitos de São Paulo, Franco Montoro, e do Paraná, José Richa, e Minas Gerais, Tancredo Neves, que devem exercer seus mandatos de senadores até o dia 15 de março, quando assumem em seus Estados. Os personagens de maior destaque foram os novos senadores, cercados da curiosidade geral em torno de suas identidades, como Fábio Lucena, do PMDB do Amazonas, ou os três novos senadores de Rondônia, ou velhos personagens políticos como Roberto Campos e Mauro Borges, além dos ex-deputados e jovens com menos de 40 anos, como Carlos Alberto e Alvaro Dias.

Antes da leitura do juramento de obediência constitucional, feita pelo jovem senador gaúcho Carlos Chiarelli, o presidente Passos Porto dirigiu uma mensagem

a todos dizendo que ao novo Congresso "cumpre fazer a reflexão crítica e consolidar em caráter definitivo não só os mecanismos mas também a substância da democracia".

Alertou para o que espera os senadores nos próximos quatro anos. "Além das reivindicações permanentes da instituição parlamentar, da restauração das prerrogativas do Legislativo e do próprio equilíbrio institucional do país, pleiteado pela sociedade civil, os problemas conjunturais da nação e a desordem econômica mundial, encaminham todos nós a um dos períodos mais profundos e significativos da vida política nacional, pois este é o instante do encontro da esperança com o desespero, da ilusão com a realidade, do mito com o fato, da verdade com o irreal, do Estado com a Nação".

Mas nem tudo foram flores. Uma nota discrepante ao menos o Senado deu no dia de ontem. O senador Hélio Gueiros, que derrotou nas urnas o até então presidente do Senado, Jarbas Passarinho, teve um dia constrangedor. Por mais incrível que pareça, ele permaneceu isolado o tempo todo, até durante o coquetel, sendo literalmente gelado por seus novos companheiros de Senado. E ninguém conseguiu explicar por que.